

Bandeirante de vida própria

Rede hoteleira, comércio e diversidade de serviços mantêm o Núcleo Bandeirante coma fama, anterior à inauguração de Brasília, de “cidade onde se encontra tudo”

Núcleo Bandeirante foi erguido em madeira, de forma improvisada no final dos anos 50, apenas para servir de apoio às obras da nova Capital. Depois da inauguração de Brasília, a população local não aceitou ser transferida para outro lugar e iniciou um movimento que culminou com a fixação das habitações. O fato de ter sido pólo eco-

nômico nos anos 60 e a proximidade com o Plano Piloto deu à cidade características especiais.

O comércio e os serviços se desenvolveram bastante e, mesmo depois que grande parte da população das invasões em volta foi transferida para outras cidades satélites, a fama de cidade onde “se encontra de tudo” ficou. Embora

tenha apenas 22 mil habitantes hoje, existem nada menos que 14 hotéis em funcionamento no Núcleo Bandeirante, além de agências de todos os grandes bancos. Há também muitas lojas de ferragens e oficinas mecânicas que recebem fregueses de vários lugares do Distrito Federal.

O Núcleo Bandeirante recebe um

contingente alto de trabalhadores de fora de Brasília – muitos deles representantes comerciais, despachantes e empregados de companhias aéreas. “São pessoas que não podem pagar uma diária de R\$ 200 num hotel do Plano Piloto. Eles vêm para cá e nós cobramos R\$80, com direito a café da manhã”, conta Aldaires Nunes, proprietária do Hotel Es-

pigão, localizado na Avenida Central. A proximidade com a Asa Sul e com o Aeroporto ajudou a manter a tradição do Núcleo Bandeirante de abrigar os viajantes. Segundo Aldaires, os próprios funcionários dos hotéis do Plano Piloto indicam a rede hoteleira do Núcleo Bandeirante aos hóspedes que não podem pagar diárias elevadas.

Movimento diminuiu

O comerciante Vicente Kidut, paraibano que se estabeleceu na cidade antes da inauguração de Brasília, é saudosista. Mesmo com o aumento do número de moradores recentemente – os lotes do Park Way e de Vicente Pires passaram por intenso processo de parcelamento na última década – Kidut prefere pensar no início dos anos 70. “Era um movimento danado. Eu trabalhava de dia e de noite. Ninguém fechava loja, não”, diz. A concorrência com as feiras do Guará e dos Importados reduziu as vendas e Kidut foi, aos poucos, fechando as lojas que teve em Taguatinga e outras cidades. Só ficou a do Núcleo Bandeirante, que foi a primeira e leva seu nome.

DA MADEIRA À ALVENARIA

O agrupamento original de moradias cresceu a partir da década de 70, quando os barracos em madeira deram lugar às casas de alvenaria no Núcleo Bandeirante. Muitas das invasões dos arredores, como a Vila Teotônio, o IAPI e a Vila Esperança, foram transferidas para a então recém-criada Ceilândia.



O COMERCIANTE VICENTE KIDUT LEMBRA COM SAUDADE DOS TEMPOS EM QUE O NÚCLEO BANDEIRANTE ERA O CENTRO COMERCIAL DO DF

Leopoldo Silva/ObritoNews